

MEMORIAS

DA ASSOCIAÇÃO

CULTO À SCIEENCIA.

NUM. 4. S. PAULO.—QUARTA-FEIRA 31 DE AGOSTO.

1859.

LIGEIRAS IDEAS DE ALGUNS FACTOS DA IDADE MÉDIA.

(Continuação.)

Carlos Magno é o heróe d'esta scena.

Possuido d'um santo ardor, elle emprehendeo levar a religião do Crucificado ao seio dos povos da Europa, que jazião pela maior parte na mais vergonhosa idolatria.

Difficil era esta empreza, pois que n'elles encontrava uma extraordinaria differença de raças, crenças e tradições.

Animado, porém, pela santidade da causa que defendia, tudo elle arriscou para realisar tão grande projecto; e d'esta divergencia provierão as grandes guerras que teve de sustentar em todo o seu glorioso reinado contra a Lombardia, Saxonia, Hespanha, Panonia e outras. Incapazes de resistir, cahirão bem depressa os seus habitantes debaixo do jugo do vencedor, excepto os Saxões que se oppozirão com denodo aos seus projectos.

Destruindo a estatua de Hermansatil, monumento de sua adoração, o imperador encontrou n'este povo uma resistencia que lhe custou largos annos d'uma encarnizada lucta.

Animados por seu chefe, o heroe Wit-kind, mostrarão elles quanto póde um povo bem dirigido combatendo pelos seus deuses, pela sua nacionalidade! O valor, porém, e o patriotismo que elles oppuzirão ao conquistador, cedêrão a final ao numero e disciplina de seus exercitos, e os valentes Saxões dobrarão sua altiva cerviz ao jugo do vencedor.

Sempre feliz em suas expedições, levou ao mesmo tempo suas armas victoriosas contra muitos outros povos que pretendia chamar ao gremio da religião christã. Mas, além d'esta, uma outra causa, porém toda politica, presidia seus planos; pois queria tambem formar para a sua corôa um vastissimo imperio: ambição nobre nos soberanos quando n'elles não predomina o espirito de vaidade, o interesse pessoal, quando finalmente só tem em vista, como Carlos Magno, o proveito da humanidade. Que elle o tinha, é uma verdade que ninguem ousará contestar á vista dos factos que nos apresenta a historia. Lá está para confirmar nossa asserção a grandeza de seu reinado, que tanto se distinguio pelas suas leis, sabedoria de seu governo, amor á religião, e protecção aos homens de saber. Sua capital, que tornou-se bem depressa por seus cuidados um fóco de illustração, espalhava suas luzes por muitas partes que ainda estavam em trévas; para ella concorrião de todas as partes os homens mais distinctos em todos os ramos de conhecimentos.

O imperador, que por sua vez recebia lições destes grandes mestres, fundou lá a primeira eschola Polatina que elle presidia em pessoa.

Além desta, o monge Alcuin, protegido por elle, fundou muitos outros estabelecimentos scientificos em outras cidades da França.

Mas, não obstante, alguém pretende vêr em Carlos Magno um tyranno, um despota por causa de alguns actos indignos que praticou em sua vida, actos filhos todos, não da crueldade, porém sim do momento e das circumstancias.

Elles poderão quando muito lançar uma nodoa em sua vida particular, mas nunca marcal-o com o ferrete de tyranno, nem tisar as brilhantes paginas do seu reinado. Ainda que iguaes fossem todos elles á mortandade de Verdum, que sóe ser apontada como o mais negro de seus crimes, jámais poderão obscurecer o merito, nem tirar a importancia que tem seu nome nos altos dominios da historia. Por mais bem formado que tenha o homem o seu coração, não deixa por isso de estar sujeito ás paixões, ás fraquezas, e aos revezes da sorte.

E' uma verdade que além de realizar-se a cada momento ed nossa vida pratica, vemol-a confirmada na de quasi todos os grandes homens. Mas se ainda quizermos encaral-o por este lado, muitas acções se nos apresentam, que, destruindo as pretendidas de tyrannia que praticára, provão-nos evidentemente a bondade de seti coração, a grandeza de sua alma.

Não apresentamol-as, porém, porque não é o imperador que estende á indigencia a mão da caridade, nem o general que chora sobre os cadaveres de seus companheiros d'armas que nós encaramos agora — é o homem que marca uma época na marcha dos povos, o creador de uma nova sociedade. Apreciado como tal, sejamos licito acrescentar sómente, que nenhum, relativamente fallando, merece na historia um logar mais distincto. A geração presente que se incumba de apreciar-o, visto que os homens, assim como os factos, não devem, nem pôdem sê-lo, pelos seus contemporaneos.

Obra de muitos seculos, o grande edificio social que elle traçou não podia ser concluido em sua vida, se bem que se esforçasse para erguê-lo á altura que lhe era destinado. Suas bases erão bastante solidas para que elle resistisse á mão estragadôra de seus successores, mas devia quando menos ficar estacionario por algum tempo, porque com Carlos Magno morrêo tambem um genio; e os grandes genios são raros, por isso mesmo que são apreciados. Seus successores, herdeiros sómente da corôa, mas não de sua cabeça, só tratarão em separado de estender o seu dominio, e satisfazer a am-

bição que tinham de reinar, pelo que desapareceo immediatamente a unidade do imperio, principal condição para a vida dos estados.

Abysmado nas guerras civís que ordinariamente apparecem, para os perder, na successão das corôas, não pôde ao menos prevenir as invasões do exterior, que aproveitarão a oportunidade que lhes offerecia a occasião.

São estas de ordinario as consequencias, muitas vezes inevitaveis, á que estão sujeitas as nações que adoptão uma semelhante fórma de governo. Assim o Perú, tão poderoso no tempo da conquista, rendeo-se a um punhado de aventureiros, capitaneados por Pizarro, por causa das dissensões de Atualpa e Huascar, successores de Manco.

E pois o mundo que presenciou no reinado de Carlos Magno uma época de grandeza, vio no de seus successôres os germens da decadencia.

As lettras, em prôl das quaes tanto tinha trabalhado o imperador, não podendo resistir á influencia perniciososa de duas espadas que se batem por uma causa semelhante, começárão, assim como tudo mais, a caminhar para a degradação a que estavam por tanto condemnadas. Tudo enfim augurava, tudo arrasteva a Europa para uma idade de ferro.

O feudalismo, cujos germens estavam lançados desde tempos immemoraveis no territorio Europeo, foi definitivamente estabelecido. D'ahi começa com mais força o imperio d'essa nobreza infame, d'essa estúpida série de senhores feudaes.

Encerradas nos fortes castellos que as abrigavão, cada familia julgava por si só formar um corpo, um mundo independente, cada senhor feudal arrogava a si a mais absoluta autoridade sobre os seus vassallos! Mais brutos que as fêras, não conhecião direitos, nem obedição outra lei que a da espada que decidia de tudo, e a guerra tornou-se por consequencia o estado normal da sociedade. E como sóe acontecer debaixo de taes fórmulas de governo, o commercio, a industria, a agricultura, as lettras, tudo enfim paralisou-se. O seculo decimo, que marcou o termo d'esse viver tão triste, foi a

idade de ferro para o espirito humano, uma cadêa que tolheo seus vôos. A nobreza, ou as primeiras classes da sociedade fazião alarde de sua ignorancia, o habitante das Gallias chegava a ignorar que Julio Cesar as tinha conquistado, os homens, emfim, pela maior parte, parecião perder a nobre qualidade que os distingue dos mais sêres animados! A sciencia, porém, essa faisca divina, que ha de perecer com a humanidade, embora soffra todas as suas alternativas, não podia desaparecer de todo. O clero, que foi desde os remotos tempos d'Assyria, do Egypto, da India, o depositario da sciencia, não consentio que a mão malevola da ignorancia violasse o portico dos seus claustros, onde offerecião incenso nos altares da sciencia; ao passo que o resto do povo, abysmado na anarchia, entregue a grosseiros habitos, só via na espada sua esperança, suas glorias. Devotados defensores da sciencia, fôrão elles que conservárão, que não deixárão apagar a centelha, que ainda restava, da antiga civilisação romana. Entregues sómente aos seus cuidados, ellas vivêrão, é verdade, porém condemnadas a um estado aviltante, porque d'ellas fizerão os sacerdotes a manivella de suas ambições, dando-lhes um character todo theologico e dogmatico, e cobrindo-as com o manto da hypocrisia, que ordinariamente os distingue. Apesar d'isso, porém, á ninguem mais do que á elles devia ser confiada a missão de guardar esse deposito sagrado.

Filhos dedicados da sciencia, nada se lhes pôde exprobrar senão a grande ambição que os devora, ambição que não poderão extinguir os reiterados golpes que se tem descarregado sobre elles, ambição que é a móla sobre que gyra todo o machinismo de tão requintada hypocrisia... E' forçoso, porém, confessar a grande utilidade que elles tem prestado ao mundo, embora se lhes possa applicar a fábula das doninhas, que nos refere La Fontaine.

De seus conventos e abbadias, que então cobrião a França, a Allemanha, a Italia, sahírao os homens mais distinctos em todos os ramos de conhecimentos humanos.

Era preciso que as lettras, que devião guiar a humanidade para o seculo 19, habitassem primeiro os claustros para penetrarem depois os ricos palacios da nobreza secular.

Mas esse estado de cousas, que não era mais do que o ensaio do que ia depois começar, não podia permanecer por muito tempo, porque o espirito humano, sempre inquieto em busca do seu bem estar, devia necessariamente reagir contra elle.

A theologia, que então envolvia toda a sciencia sacerdotal, já não era a propria para o espirito que ia novamente apparecendo, elle procurava um horisonte mais vasto e mais livre. O imperio d'essa sciencia já lhe era pesado, seu reinado devia esvaecer-se com o renovamento da philosophia escholastica, que derribou-a do seu throno. Os grandes monumentos litterarios que deixárão a Grecia e Roma achárão continuação nas memoraveis obras de La Franc, Fulbert, S. Bruno, S. Francisco de Assis, e tantos outros que seria longo enumerar.

As musas que se tinhão retirado envergonhadas do seculo, fôrão novamente cultivadas pelos bardos da lingua de Oc e Oil, que afinárão suas lyras, e cantavão de castello em castello o amor de suas damas, e as façanhas de seus paladins.

Muito bellas produções, ao menos para o tempo, começárão a apparecer: Abbon cantou o cêreo de Pariz pelos Normandos, Guilherme de Pouille, suas façanhas na Italia.

As artes, que se mostrárão primorosas nos monumentos gregos e romanos, achárão grande arremedo nas cathedraes de Dijon, de Orleans, de Strasburgo, Mayencia, e em muitas cidades da Italia, e mesmo da Peninsula Iberica. A' creação, porém, das grandes escholas seculares, entre as quaes tanto florescêrão as de Paris, Oxford e Bolonha, deve o seu maior impulso a civilisação nascente. Pariz, pejada d'essa mocidade tão bella, que de todas as partes corria para beber na fonte da sabedoria, como lhe denominavão então, já promettia que havia de ser a côrte de Luiz XIV, de Luiz Napoleão emfim.

E no meio] d'essa agitação de cousas, uma grande revolução, que se tornava necessaria, revolução em que ainda predomina o espirito religioso, vai chamar a atenção do mundo, vai dar á Europa essa força que lhe faltava para começar o seu vóo na senda do progresso.

Pedro o Eremita, como um monge da Thebaida, presenciando em suas peregrinações no Oriente o soffrimento dos christãos, a profanação sobre tudo do túmulo do Redemptor, encheo-se de uma santa coragem, e corrêo a pintar na Europa essas scenas de horror.

A' sua voz eloquente, que repercutio em todos os seus angulos contra a barbaria musulmana, não tardou que toda ella se armasse para bater os infieis, e eis travada a grande lucta que tomou o nome de cruzadas.

Impacientes de esperar as ordens de Urbano II, que havia preparado a primeira cruzada no concilio de Clermont, alguns bandos capitaneados por Gauthier e Pedro de Amiens partirão immediatamente pelas selvas do Danubio, porém fôrão rechaçados pelos habitantes da Hungria e da Bulgaria, que lhes disputavão a passagem, até que finalmente os zelosos cruzados fôrão perecer diante dos muros de Nycéa.

Não era para desanimar tão infeliz resultado, porque não foi este o exercito regular, que tinha de fazer a guerra, e nem podia esperar-se outra cousa de tão sofregos aventureiros, a quem só animava talvez a santidade da causa. O exercito, porém, que formou propriamente a primeira cruzada, não foi, nem podia ser, tão infeliz como aquelle mal dirigido bando: Godofredo de Bouillon, que recebeu na Bethinia o titulo de seu general em chefe, apoderou-se de Nycéa, venceu o sultão de Roum nas planicies de Doriléa, o de Antiochia nas margens do Oronte, e finalmente fez tremular sobre os muros de Jerusalém o pavilhão Europeo, que defendia a mais justa das causas.

A Palestina—a terra dos milagres, como lhe chama Malte Brun, foi erigida em reino christão, e sua corôa devolvida a Godofredo, que lhe dêo um codigo de

leis depois da batalha de Ascalan, e morreo no primeiro anno de seu reinado. Esta primeira cruzada dêo nascimento ás duas ordens religiosas dos Hospitaleiros e Templarios, que vimos exercer na Europa uma grande preponderancia até mesmo em seus destinos politicos. Já contava Jerusalém nove reis Francezes até Lusignan, quando Saladino, depois de uma porfiada luta de dez annos, descarregou sobre ella mortifero golpe.

A luta ainda continuou por largos annos, porém debalde se esforçarão os christãos para levantar d'este novo abatimento o reino de Jerusalém «que ainda não se consolou, como diz Poujoulat, de ter sido testemunha do cruento sacrificio de Deus humanado!» Finalmente, depois de tantas fadigas, depois de tanto sangue derramado, emprehendeo S. Luiz a oitava cruzada, que pôz termo a esta encarniçada, porém gloriosa luta, pelo tratado concluido entre Monstanser e Carlos d'Anjou, irmão de S. Luiz, que antes de ter a dita de vêr o túmulo de Jesu-Christo, havia acabado seus dias nas ruinas de Carthago.

Assim terminou-se essa contenda, que privou á Europa de milhares de vidas, mas que contribuiu ao mesmo tempo para a sua futura grandeza, como nos attestão seus beneficos resultados, principalmente na politica, na industria, no commercio e nas lettras.

(*Continúa.*)

S. Paulo. — Julho de 1859.

Maximiano de Sousa Bueno.

ACTA DA SESSÃO MAGNA

DE 11 DE AGOSTO DE 1859, APRESENTADA PELO 2.º SECRETARIO, O SENHOR MANOEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES.

No dia 11 do Agosto do corrente anno a associação Culto á Sciencia, em uma das sallas da Academia, celebrou a sua sessão magna, em festejo do anniversario dos cursos juridicos do Imperio, e installação da mesma associação.

Na falta do Presidente honorario, o Illm.º Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, o Presidente effectivo o Sr. Luiz Fortunato de Brito Abreu Sousa Menezes Junior, pronunciando um bello discurso, abriu a sessão.

Obteve em primeiro lugar a palavra o 1.º Secretario da associação, o Sr. João Antonio de Barros Junior, para apresentar o relatorio das occorrencias principaes que se tem dado n'esta sociedade desde o anno de 1858 até o corrente— e mais uma vez mostrou o alto gráo em que se deve collocar a sua intelligencia.

A tribuna foi depois dignamente occupada por muitos jovens dedicados á sciencia, os quaes derão uma grande prova do amor que consagrão ás letras patrias, clamando todos como de combinação, contra as oppressões que tem recebido e que por ventura ainda possa receber a litteratura nacional. Oxalá que todos estes clamores sejam benignamente ouvidos por aquelles, em cujas mãos está a protecção que tanto almejamos.

Feita a leitura do relatorio, foi concedida a palavra ao Sr. Florencio Carlos de Abreu e Silva, orador da associação, que d'esta vez ajuntou mais uma corôa ás muitas que já cingem a sua fronte.

Em seguida orarão os Srs. Luiz José de Carvalho e Mello Mattos, orador do Ensaio Philosophico; — José Ferreira Dias, do Atheneo Paulistano; — Joaquim Gomes de Menezes, do Ypiranga: — Pedro Elias Martins Pereira, do Instituto Academico; — e Theodomiro Alves Pereira, do Club Scientifico, os quaes perfumando o altar da sciencia, provárão ainda uma vez que não serão baldadas as esperanças que sobre elles depositar a patria.

A tribuna foi ainda dignamente occupada pelos Srs. Antonio Manoel dos Reis e Maximiano de Sousa Bueno, que tambem fizerão realçar a nossa sessão.

Este humilde festejo foi abrihantado com a presença do nosso muito digno socio protector o Sr. Dr. Vicente Mamede de Freitas; e dos dignissimos socios honorarios os Srs. Drs. Martim Francisco, Chaves, Ferrão, Duque Estrada, e Manoel Simões de Sousa Pinto.

Além d'estes, muitas outras pessoas

gradas d'esta capital, como os Srs. Drs. Tavares Bastos, Getulio, Francisco Aurelio; Tenentes Coroneis Beaman, Mendes Guimarães, Joaquim Floriano; Major Gabriel Cantinho; Conego Marcellino F. Bueno, Azevedo Marques, etc. etc., contava-se entre o numeroso auditorio.

A associação Culto á Sciencia dirige pois um voto de gratidão ao seu socio protector o Illm.º Sr. Dr. Vicente Mamede de Freitas, e ao seu muito digno socio honorario o Illm.º Sr. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada; assim como tambem a todos aquelles que honrarão-na presenciando a sua sessão magna.

RELATORIO

APRESENTADO NA SESSÃO MAGNA DA SOCIEDADE CULTO A' SCIENCIA EM 11 DE AGOSTO DE 1859 PELO 1.º SECRETARIO O SENHOR JOÃO ANTONIO DE BARROS JUNIOR.

SENHORES. — Estamos no recinto onde illustradas gerações já vierão prestar o fructo de suas insomnias, onde grandes peças de eloquencia derramarão a luz por todos estes angulos.

Estamos no recinto que nos lembra as glorias passadas de muitas intelligencias, que outr'ora brilharão como o sol meridiano, e que como elle caminharão para seu occaso, e ahí se mergulharão para brilhar só na eternidade!

Aqui, Senhores, é o lugar em que se tem feito ouvir, ora as notas graves e plangentes, arrancadas por uma eventualidade sinistra, ora os cantos nacionaes modulados ao som das cordas harmoniosas da lyra da liberdade!

Diante pois, Senhores, de tanta magnitude, de tão grandiosas reminiscencias, de factos tão magestosos, como não se augmentar minha timidez?!... Como não me sentir abatido?!...

Comtudo, Senhores, se o cumprimento do dever eleva o homem ao maximo de sua dignidade, é por elle que eu imploro indulgencia, e ousa, sabindo de minha obscuridade, descobrir-me diante de vós.

Senhores—A nossa sociedade moderna não é essa Roma dos Cesares a debater-se na devassidão, embriagada diante o quadro desolador que representava a scena de tantos martyres, immolados nos espectaculos publicos, nas garras das feras sedentas de sangue humano!

O espirito do seculo actual não se se ressentido dessas festividades, que ensoberbecião a idade média, onde a razão e o direito erão postergados.

Hoje, Senhores, em quanto o progresso material vai em seu caminhar sempre constante; a sciencia floresce, caminha, e caminha sempre em marcha triumphante, — é que ella não pôde adormecer no ruido das suas pesadas locomotivas, dos seus carros a vapôr.

E para fundamento do que hei dito, basta um lance d'olhos sobre a nossa sociedade de hoje; ahi encontramos as associações litterarias advogando com todo o empenho a causa das idéas.

E para felicidade nossa aquelle em cuja fronte brilha o diadema imperial, não tem se esquecido, antes porém tem procurado auxiliar o destino das lettras e das artes no Imperio do Brasil.

N'estes exemplos inspirou-se a nossa mocidade actual, traduzindo seus sentimentos com a fundação de varias Associações litterarias.

Um retrospecto sobre todas ellas é tarefa difficillima, e superior aos mingoados recursos de que posso dispôr; assim passarei a traçar o quadro, ainda que desmaiado, de todos os factos mais importantes que se derão na Associação Culto á Sciencia, durante o anno social de 1858 a 1859.

Em o dia 19 de Outubro de 1858 celebrou a sociedade Culto á Sciencia a sua sessão de encerramento.

As suas relações externas até esse tempo, forão augmentadas com a sociedade Ypiranga dos Progressistas, que enviou logo os seus Estatutos, e convidou-nos para a sessão de 7 de Setembro, por meio de uma commissão composta dos Srs. Francisco Ignacio de Carvalho Rezende, e Carlos Mariano Galvão Bueno.

Por meio de um officio de seu mui digno 2.º Secretario, convidou-nos tam-

bem para a sessão de encerramento em 17 de Dezembro do mesmo anno.

Recebemos tambem o honroso convite para a sessão de 7 de Setembro do Atheneu Paulistano, e para a de 3 de Outubro, do Ensaio Philosophico.

Em uma de suas sessões ultimas do anno passado, estatuio-se a criação de uma folha litteraria, que deveria ser impressa a datar d'este anno lectivo; e com effeito, no dia 10 de Maio do corrente anno, sahio á lume o 1.º n.º das «Memorias do Culto á Sciencia.»

Foi um grito de animação, que veio inocular a vida no corpo da sociedade.

Os trabalhos que encontramos em suas columnas bem nos attestão os primeiros ensaios de uma mocidade pouco acostumada ás lides da publicidade.

As illustradas Associações com que nos relacionamos tem sabido acolher e desculpar essas oblações humildes; e a despeito de todas as difficuldades que sóem apparecer á aquelles que lanção-se a uma empreza tão ardua, temos até hoje trazido ao alcaçar da sciencia dous numeros do nosso jornal.

Em 26 de Março do corrente anno celebrou se a Sessão Magna de abertura da Associação; achando-se presentes grande numero de socios e academicos de outras Associações.

Havendo-me dimittido da 1.ª Secretaria em 18 de Setembro de 1858, foi nomeado para substituir-me o Illm.º Sr. Constantino José Gonçalves.

Em sessão de 26 de Junho do corrente anno, este nosso consocio, que durante nove mezes tão prestimoso se mostrou no exercicio d'esse cargo, foi levado por motivos poderosos a pedir exoneração d'esse logar, que, não sem pesar, lhe foi concedida.

Em fins de Abril do corrente anno fôrão impressos os Estatutos, e distribuidos a todos os socios effectivos, honorarios, e ás Associações com que nos relacionamos.

D'entre essas só recebemos participação da Sociedade Philomatica, enviando-nos os seus jornaes — do Club Scientifico por um officio do Illm.º Sr. Joaquim José de Macedo — do Gabinete Santista de

Leitura — da Sociedade Pharmaceutica Brasileira, e do Correio da Tarde por meio de um officio de seu dignissimo editor o Illm.º Sr. João Vespucio de Abreu e Silva, o qual tem-se tornado crêdor dos maiores elogios pelo vivo interesse que tem demonstrado, animando-nos na gloriosa, quão arriscada empreza da publicidade.

O Ensaio Philosophico enviou-nos tambem o primeiro numero de sua Revista, publicado este anno.

Conservamos em nosso archivo um precioso volume das Harmonias Brasileiras, que nos foi offerecido pelo Illm.º Sr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, a quem n'este momento a sociedade Culto á Sciencia protesta seus votos de agradecimento e admiração, por esse trabalho, que mais uma vez prova o seu esforço e dedicação em prol da nossa litteratura, a qual infelizmente ainda está mui longe de medir-se com as litteraturas Europeas; e que, se não fôrem essas intelligencias superiores, que sabem avaliar, e comprehendem perfeitamente a sua necessidade, nunca ella occupará um lugar eminente na historia do Brasil.

Quanto ás harmonias que sentimos na leitura d'esses cantos, digamol-o—o coração sentio; bem quizeramos pronunciar alguma cousa que correspondesse aos nossos desejos, porém quando o fizéssemos, seria repetir o que outros, muito mais habilitados que nós, perfeitamente já o disserão.

Folgâmos em registrar no numero de nossas irmãs de letras mais uma Associação com que nos achamos relacionados—o Club Scientifico.

E' me pois grato considerar no fim nobre e elevado que preside ao pensamento da mesma sociedade.

Sirvão estas minhas fracas expressões de reiterados protestos de estima que a Sociedade Culto á Sciencia presta á sua nova alliada.

Sempre a Sociedade tem se mostrado franca, acolhendo em seus braços novos adeptos para o exercicio das idéas, e hoje ella conta 58 socios effectivos. — A sua commissão de Redacção comprehendendo que lhe assistia o dever de perpetuar

por meio de uma chronica no seu Journal, os acontecimentos que tivessem lugar no gremio da Associação e n'esta cidade, e deliberando que se encarregasse a um de seus membros, assentou de confiar essa missão em 1.º lugar ao nosso Illustre consocio o Presidente da commissão de Redacção, e pouco tempo depois passou a chronica ás mãos do Snr. Secretario da mesma commissão.

Até o presente não tem havido felizmente alteração na amisade, nem afrouxamento nos laços de união que estreitão o « Culto á Sciencia » á essas Associações encanecidas nas lides scientificas: vereis comprovada esta minha verdade quando d'aqui a pouco se erguerem essas fronteas brilhantes da nova geração; quero fallar dos Oradores do Ensaio Philosophico e do Atheneo Paulistano. As nossas Sessões sempre fôrão regularmente celebradas. Grande copia de estudo e animação presidio sempre aos nossos trabalhos, verdade esta que me dispensa os elogios que merecem todos os Snrs. associados.

Ainda temos a ventura de possuir como nosso Presidente Honorario o Illm. Snr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, a quem n'esto momento solemne, não posso deixar de manifestar um vivo testemunho do alto respeito e consideração que lhe tributamos; bem como o nosso mui digno Socio Benemerito o Illm. Snr. Dr. Vicente Mamede de Freitas, que nunca poderemos esquecer, porque, como sabeis, a elle devemos o humilde templo que elevamos para as nossas lucubrações.

O quadro de nossos socios Honorarios além de 16, que já contavamos, ufana-se hoje com o augmento de mais 18, que são novos protectores, que, com suas intelligencias aclaradas nos acenarão para as glorias que aspiramos conquistar.

Permittí-me Snrs., que, d'entre esses ultimos eleitos, eu destaque—o cantor mavioso da Nebulosa, o Illm. Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo—O Hercules autor do Colombo, o Illm. Snr. Manoel de Araujo Porto-Alegre—O severo sustentaculo da ordem e tranquillidade publica, o Illm. Snr. Dr. Antonio Fer-

reira Vianna—O primeiro poeta Nacional, o Illm. Snr. Dr. Antonio Gonçalves Dias —e o nosso Cormenin Brasileiro—na justa apreciação do Snr. Couto Magalhães, o Illm. Snr. Dr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

Os nossos trabalhos sempre transpirarão a maior ordem e harmonia, não concorrendo circumstancia alguma extraordinaria, para que uma só vez deixasse de haver Sessão.

E se por ventura algum dia, entre as nuvens córadas, e os vapores azues de nosso horisonte litterario, alguma sombra menos risonha apparecêo; dissipou-se —foi rapida em sua passagem, porque o destino d'esta Associação foi confiado á illustrada administração do nosso mui digno Presidente o Illm. Snr. Luiz Fortunato de Brito.

Em 28 de Junho do corrente anno tomou posse da Thesouraria o Illm. Snr. Francisco Rangel Pestana, a cujo zêlo e actividade devemos o estado lisongeiro de nossas finanças.

Eis Snrs. o meu trabalho.

Terminando eu vos lembro Snrs. Associados, que o passado confiou-nos o destino das gerações vindouras; cumpre-nos por tanto não adormecer ao bafio narcotico do desanimo, cumpre-nos extremar os nossos esforços para que não sejamos accusados de alguma falta, para merecermos a corôa que o *porvir* prepara ás fronte encanecidas nas pugnas scientificas.

E' pois d'esta geração Snrs. que o futuro espera grandes feitos.

Por tanto; assim como a immensidade e magnificencia dos apogêos Indios, e Egypcios, nos attestão o poder d'estes povos; assim como Jacob erigio a pedra de Bethlém em monumento de seu pacto com Deos; assim tambem procuremos elevar um monumento que symbolise o magestoso *porvir* de nossa querida Patria.

Emballemos-nos nas ondas perfumadas do incenso dos thuribulos do templo da sciencia, e quaes essas virgens da solidão do claustro, que á luz das alampadas sombrias e tristes, e á voz do órgão melancolica e santa, vivem só para render homenagem á sua Divindade, e em

vivas adorações engrandecem a fé do Christianismo; assim tambem—prestemos « Culto á Sciencia. (1)

OBSERVAÇÕES

SOBRE ALGUMAS OPINIÕES PHILOSOPHICAS DO SENHOR DOUTOR VICENTE MAMEDE DE FREITAS.

A causa que me determinou a fazer estas observações, a ninguem importa saber: n'ellas só tem valor o que vai seguir-se.

O Sr. Dr. Vicente Mamede de Freitas foi um dos meus mestres de Philosophia; no tempo em que estudei com elle, adquiri algumas idéas que agora me têm embaraçado na leitura que tenho feito de alguns philosophos; são pois estes embaraços, estas duvidas que exponho ao juizo do publico illustrado; algumas vezes ellas parecerão tomarem o character de refutação, porém eu desde já declaro que não é essa a minha intenção, é sómente a exposição das minhas duvidas.

O Sr. Dr. Mamede explicando a these 2.^a do Ponelle, disse que não só este philosopho, como tambem La Romiguière, tinhão deixado uma lacuna na doutrina que abraçavão ácerca das origens das idéas. Disse, que o Ponelle e La Romiguière diziam que os sentimentos nascião do exercicio da sensibilidade, e as idéas do exercicio da actividade; mas que explicando o modo porque as idéas apparecião na actividade, não explicavão como os sentimentos apparecião na sensibilidade; e que por tanto havia, como já disse, uma lacuna na doutrina de La Romiguière, porque La Romiguière devia tambem explicar o modo porque apparecião na sensibilidade os sentimentos. Ora é justamente o que eu nego, e vou provar pelas proprias palavras de La Romiguière, que a proposição do meu

(1) Por certos motivos deixarão estes dous artigos officiaes de occupar os primeiros lugares do jornal, segundo o costume que se tem adoptado. (Da Redacção.)

antigo Mestre não tem fundamento algum; porém antes d'isso seja-me licito fazer a seguinte reflexão. O meu antigo Mestre poderá negar que La Romiguière na 3.^a lição da 2.^a parte da sua obra, expressando se por estas palavras — *Des origines de nos idées* — demonstra perfeitamente que n'aquella lição elle vai tratar dos sentimentos, visto que (segundo elle) são estes as unicas origens das nossas idéas? Parece-me que todo homem despido de prejuizos, não poderá por maneira alguma deixar de concordar comigo; mas se a quêda da opinião contraria, á vista d'esta reflexão, ainda esteja pendente, eu estou que não offerecerá mais duvida depois que se tiver ouvido as seguintes palavras de La Romiguière.

Na mesma lição a pag. 42 lê-se—*En examinant d'un regard attentif les diverses affections réunies, sous le mot sentir, (repare bem o Snr. Dr. Vicente na palavra sentir) on ne tardera pas à s'apercevoir que plusieurs de ces affections différent à un tel point, qu'on les dirait d'une nature contraire:*

.

Mas abaixo diz—*Lorsqu'un object extérieur agit sur nos sens, le mouvement qu'il imprime se communique au cerveau, et aussitôt, à la suite de ce mouvement du cerveau, l'âme sent, elle éprouve un sentiment:*

.

A pag. 44 ainda diz—*Les cinq espèces de modifications, ou les cinq espèces de sentiment dont nous venons de parler, n'ayant lieu qu'à la suite de quelque impression faite sur les sens, nous les appellerons sentimens—sensations.*

.

Ora se os sentimentos nascem do exercicio da sensibilidade, quem duvidará que estes trechos (1) acima citados explicação satisfactoriamente o modo porque elles apparecem na sensibilidade?

(1) Note-se que estes trechos só explicão o sentimento sensação, os outros 3 vem explicados no resto da lição 3.^ª como se poderá vêr.

Por tanto temos que o juizo emittido pelo meu antigo Mestre sobre a doutrina de La Romiguière não é verdadeiro.

Por fallar em verdadeiro, occorre-me outra confusão que encontrei nas explicações do Snr. Dr. Mamede; mas antes de expô-la, concluirei esta parte lamentando não poder lembrar-me dos argumentos de que se servia o meu antigo Mestre para taxar o distincto Philosopho de sensualista: La Romiguière sensualista?!

E' esta a confusão: o Snr. Dr. Vicente explicando a these 5.^a de Ponelle, disse:—muitas pessoas não admittem a definição que dá este Autor de idéas verdadeiras e idéas falsas; porém para que possamos comprehendê-las consideraremos tanto o verdadeiro como o falso debaixo de duas faces, absoluto e relativo.—Aqui n'este relativo e absoluto considerado como especies de verdadeiro e falso, é que está o busilis. Acreditava que toda vez que se ensinasse uma doutrina, de convicção, que se a seguisse em todos os lugares que se precisasse d'ella; porém o meu antigo Mestre veio ensinar-me *toda outra cousa*; ensinou-me que esta doutrina é falsa; digo isto por que ás vezes o meu Mestre seguia a sua theoria, outras vezes a theoria de Damiron, ácerca da verdade, quando são diametralmente oppostas.

A verdade, dizia o Snr. Dr. Vicente pelas palavras de Damiron, (*Logica*) —*c'est ce qui est; c'est ce qui est de son être propre, objectivement, réellement, et non pas sous le bon plaisir et du chef de l'esprit.*

.

La vérité est ce qui est, elle est tout ce qui est; son domaine est l'univers; la nature, l'homme et Dieu, toutes les vérités partielles qui sont comme autant de faces de la grande vérité, et cette vérité elle-même voila (pag. VII) tout ce qu'est le vrai: le vrai est égal à l'être Seulement (repare-se bem n'este adverbio) le vrai n'est jamais que l'être devenu accessi-

ble et perceptible à l'intelligence ; l'être qui lui serait insaisissable pourrait être en réalité, mais ne serait pas en vérité. Le vrai est nécessairement intelligible. — Ora agora, com todo respeito e acatamento devido, pergunto ao meu antigo Mestre, se porventura esta doutrina de Damiron não é completamente opposta á sua ?

Se a verdade é o que é, se o complexo das verdades parciaes (2) é o que se chama verdadeiro, se o verdadeiro é igual ao ser, e se o ser é sómente (é sómente) verdadeiro quando é percebido pela intelligencia, está claro e mais que claro, que o verdadeiro não póde ser absoluto ou relativo; das duas uma; ou o ser foi percebido, ou não; se foi percebido o homem está de posse da verdade, por que sendo a intelligibilidade condição necessaria do verdadeiro (segundo Damiron) e o homem sendo naturalmente verosimil, (Reid) é impossivel acreditar-se, que o homem em presença do verdadeiro se exprimisse como 4 quando elle o percebia como 8; ou então não foi percebido, e n'esse caso não ha verdadeiro, por que só não póde ser percebido aquillo que não é intelligivel, e se não ha intelligibilidade não ha por consequencia verdadeiro, por que a condição necessaria do verdadeiro é a intelligibilidade.

Temos por concluzão, que o verdadeiro não se póde dividir, segundo a doutrina de Damiron, em relativo e absoluto; e por consequencia que o meu antigo Mestre se contradiz quando explica, e dá como verdadeira—tanto esta doutrina, como a sua.

Antes do deixar esta questão vou mostrar mais uma confuzão que encontro nas opiniões do meu antigo Mestre, proveniente da sua inconstancia nos principios que abraça e ensina.

O Snr. Dr. Mamede explicando o que seja idea verdadeira absoluta, diz,— é aquella que é absolutamente conforme com o seu objecto; e idéa verdadeira relativa—é aquella de cujo objecto pre-

(2) Verdades parciaes não é no sentido de que haja grãos na verdade, porém no sentido em que usa Damiron.

dicamos algumas qualidades que lhe convém.

Idéas completas são aquellas que nos dão um conhecimento completo do objecto—diz o Snr. Dr. Mamede; e idéas incompletas são aquellas que nos dão um conhecimento parcial do objecto. Ora será preciso ter-se uma cabeça de Platão ou de Aristoteles para comprehender-se que segundo a opinião do meu antigo Mestre idéa completa e incompleta, e idéa verdadeira absoluta e relativa verdadeira é uma e a mesma coisa?

Por tanto, concluo dizendo mais esta vez que o meu antigo Mestre é inconstante e illogico nos principios que abraça e ensina.

II.

Expuz, no primeiro artigo, algumas duvidas em que a inconstancia e volubidade do meu antigo Mestre de philosophia me tinha lançado; hoje pretendo ir mais longe; pretendo demonstrar que o Sr. Dr. Vicente Mamede, apesar de ensinar philosophia ha tantos annos, abraça comtudo doutrinas taes, que me levão ás vezes a duvidar da sua intelligencia e reconhecida erudição.

O Sr. Dr. Mamede quando explica a theoria das faculdades, exclama sempre n'este gosto—faculdades são as capacidades naturaes da alma humana, ainda melhor é o poder que a alma tem de modificar-se, ou ainda melhor, é uma aptidão activa—e assim prosegue o meu antigo Mestre n'uma cadêa de *ainda melhor*, que se fôra com outro, eu aconselhára que dissesse antes, ainda peor, ainda peor.

Com effeito, só quem ignorasse completamente a philosophia poderia desprezar o meu conselho; mas para não ficar sómente em exclamações, eu mostrarei em poucas palavras a insufficiencia de qualquer das tres definições, apresentadas pelo meu antigo Mestre, para designar esse *quid*, que em philosophia se chama faculdade.

Começo detraz para diante, e vou desde já dizendo que a definição—*uma*

aptidão activa—é má, porque não observa as regras geraes de uma boa definição. O Sr. Dr. Mamede não devia esquecer-se por maneira alguma não só da sua missão, como também das condições exigidas em uma boa definição; porque, quando se ensina Philosophia a principiantes, tem-se por obrigação procurar palavras e definições precisas, afim de que os discipulos fiquem de posse da verdade que se lhes quer mostrar; é justamente o que esta definição não tem, o caracter da precisão e da particularidade.

Na verdade, quem por estas simples palavras—*aptidão activa*—pretenderá designar o *quid* que se chama faculdade, d'isto que se chama força de vegetação etc. etc.? de certo que ninguem, porque as forças vegetaes, animaes, e mineraes também são *aptidões activas*.

Vejam os a segunda—poder de modificar-se—esta definição é uma d'aquellas em que não é preciso cogitar-se muito, para descobrir-se a sua falsidade e insufficiencia; um simples e ligeiro reparo é bastante; porém para não incorrer no rifão do nem tanto nem tão pouco, direi comtudo, que segundo esta definição, estou autorizado a tirar esta conclusão, que só a liberdade é faculdade, pois que não me consta que a alma se modifique (a si) por meio de outra faculdade.

A terceira definição é igualmente má porque confunde as propriedades da alma com aquillo a que se chama faculdade; não ha quem ignore que a alma humana seja unica, identica, activa, intelligente, sensível e livre; e não distinga os tres primeiros predicados pelo nome de propriedades, e os tres ultimos pelo nome de faculdades; mas agora pergunto eu, se por ventura tanto os tres primeiros predicados, como os tres ultimos, não são igualmente capacidades naturaes da alma humana? de certo, e portanto, tanto são faculdades as primeiras como as ultimas; mas isto é o que eu nego, ou por outra, é o que repugna com o bom senso da linguagem philosophica: é portanto a definição do meu antigo mestre demasiadamente concisa, geral, e como tal insufficiente e má.

Para poupar trabalho ao meu antigo

Mestre, de perguntar-me qual é a definição de faculdade que eu adopto, digo-lhe desde já, é a seguinte — é toda capacidade natural, cujo exercicio póde ser sujeito ao imperio da vontade — não se admire meu antigo Mestre, esta definição é a mesma de Jouffroy; sabe porque usei d'estas palavras *cujo exercicio*? é para não ter lugar aquella argumentação que se fazia na sua aula, de que a sensibilidade, por exemplo, não é faculdade, porque uma vez impressionados por qualquer objecto, não está em nós deixar de soffrer ou gozar, confundindo-se assim o exercicio da faculdade com a acção da mesma faculdade; erro este que não posso por maneira alguma desculpar. Talvez replique o meu antigo Mestre dizendo, que fazia essa argumentação para sustentar a doutrina de La Romiguière — que a sensibilidade é uma capacidade passiva — porém se assim fôr, eu declaro-lhe francamente, que para sustentar-se a doutrina de La Romiguière (que em ultima analyse é a mesma de Cousin e sua eschola) não era preciso abraçar-se semelhante erro; erro que tanto mais censuro, quanto me lembro que o Sr. Dr. Vicente Mamede é um moço de intelligencia e erudição provada: porém se o meu antigo Mestre duvidar que se possa explicar a doutrina de La Romiguière sem abraçar se semelhante heresia, eu o convido para sustentarmos uma questão sobre este ponto, que, apesar de *todos os pezares*, declaro publicamente que não receio a provada erudição do Sr. Dr. Vicente Mamede de Freitas.

O Sr. Dr. Mamede quando explicava a questão da liberdade humana com a presciencia divina, depois de refutar as diversas opiniões que ha sobre esta questão, acabava sempre louvando-se nas palavras e na opinião que M. Damiron expõe a este respeito; este proceder não denota outra cousa mais do que o summo gosto que tem o meu antigo Mestre de repetir, sem exame, aquillo que os outros dizem; eu vou provar.

Como não ha quem não tenha lido M. Damiron sobre esta questão, porisso que é um autor muito vulgar, citarei sómente algumas passagens que julgo se-

rem sufficientes para chegar-se ao alcance da falsidade de M. Damiron; eis — *Concilier la liberté et la prescience divine, en montrant que celle-ci ne s'étend qu'aux choses fatales, et que celle-la n'a d'exercice que dans des actes auxquels Dieux n'a pas dû ni voulu étendre sa prévoyance. Dieux... puisqu'il a créé des agents doués de liberté, dont il n'a pas d'avance ordonné tous les actes, il faut bien, qu'il ne prévoie pas ce qui est hors de prévoyance. Il y aurait contradiction à ce qu'il connût comme prédéterminé ce qu'il n'a pas prédéterminé* — as quaes eu traduzo por esta phrase: Deos é ignorante, porque prevendo as cousas fataes, não prevê os actos dos homens que são livres; logo é falsa a doutrina de M. Damiron, porque em vez de harmonisar a liberdade do homem com a Sciencia Divina, chega ao absurdo de dizer que Deos ignora os actos futuros que sôem filhos da liberdade do homem, o que não pôde ser admissivel por maneira alguma.

Esta conclusão tirada sómente da confrontação das duas passagens acima citadas, o leitor pôde vê-la perfeitamente confirmada, se quizer lêr todo o artigo de M. Damiron sobre a materia em questão.

Temos por tanto que o meu antigo Mestre admite, como já disse, sem exame a opinião de M. Damiron; e nem isto deve causar estranheza, porque na questão do *verdadeiro* já tive occasião de mostrar que o Sr. Dr. Mamede repetia *ipsis verbis* M. Damiron, apesar de formar uma verdadeira antithese com a sua doutrina de *verdadeiro, absoluto e relativo*.

A opinião de que o Sr. Dr. Vicente Mamede de Freitas, apesar da sua *provada* erudição e subida intelligencia, tem por gosto e costume admittir sem exame aquillo que os outros dizem, os leitores vê-la-hão confirmada mais esta vez pelo que vai seguir-se.

O meu antigo Mestre quando explicava a theoria da liberdade, admittia as idéas de M. Damiron, e as repetia com *emphasis* e calor: admittindo por consequencia uma theoria falsa e superflua,

que além de ter contra si o bom senso, tem tambem a autoridade do distincto philosopho, M. Cousin.

Eu escrevo para aquelles que estão em dia com as questões philosophicas; bastarão portanto algumas palavras para convencê-los da falsidade e superfluidade das idéas de M. Damiron.

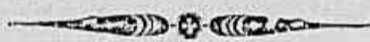
Que ella está em opposição com a doutrina de M. Cousin é uma verdade inconcussa; e para provar basta lembrar que M. Cousin a cada passo nos diz — um homem mais ou menos intelligente eu concebo; porém um homem mais ou menos livre é uma cousa repugnante: e M. Damiron nos diz a pagina 107 do seu *Cours de Psychologia* — *N'est-on pas plus ou moins libre selon qu'on est plus ou moins intelligent?*

Veamos a outra parte; M. Damiron abre o capitulo 3.º da *Deuxième Section*, com estas palavras — *De la liberté, ou de la faculté de se posséder, de délibérer, de vouloir et de exécuter.* — Desde o momento que tivermos admittido esta phrase como expressão da verdade, havemos, *ipso facto*, de sujeitarmos-nos a esta conclusão, que, o homem possui-se, delibera, quer, e executa porque é livre; e teremos cahido por consequencia em um erro imperdoavel, como vou mostrar; e M. Damiron (philosopho a quem venero) cahido em uma contradicção palpavel. Em uma contradicção, sim, porque dizendo M. Damiron (nem era preciso que elle dissesse, é um axioma) *que todo o acto livre é um acto reflectido*, vem agora dizer-nos, que o homem possui-se, delibera etc. etc., porque é livre: eu me explico: o homem só se diz livre quando pratica com reflexão, com consciencia de si; ora se o acto de possuir-se etc. etc. é filho da liberdade, segue-se que todo o acto de possuir-se etc. etc. etc. é reflectido, é consciencioso; o que é falso. porque a *Psychologia* repelle semelhante doutrina; ella nos mostra a todos os instantes o homem possuindo-se, deliberando, querendo e executando sem praticar o menor acto de reflexão; bem como nos ensina que o homem marcha da espontaneidade á reflexão; ora se o homem pôde possuir-se, deliberar etc.

etc., sem que n'isto interveua a liberdade, é claro por tanto que elle se possui etc. etc. etc. em virtude de outras faculdades quaesquer, e nunca da liberdade, que não faz outra cousa mais do que empregar-as quando d'ellas precisa. Uma prova do que acabo de dizer, isto é, que o homem delibera, possui-se etc. etc. em virtude de outras faculdades, e não sómente da liberdade, é que o proprio M. Damiron querendo explicar a deliberação vê-se tão apertado que chega a dizer (pag. 30) que — *Delibérer est un acte d'intelligence* — e nem podia ser por outro modo, porque, deliberar, é pesar, é escolher; escolher e pesar sempre fôrão e serão actos de intelligencia e não de liberdade; o mesmo que fiz com a deliberação, eu deveria fazer com os outros modos, se não fosse de tão facil intelligencia a falsidade da doutrina; e se não me faltasse o tempo para expôr ao publico, outras contradicções em que tem cahido o Sr. Dr. Vicente Mamede de Freitas, apesar de sua reconhecida erudição e subida intelligencia. *

O. Itaquí.

S. Paulo, 6 de Julho de 1859.



RESPOSTA

ÁS CRITICAS DO SENHOR ANTONIO LUIZ RAMOS NOGUEIRA, QUE APPARECERÃO NOS NUMEROS 140 E 143 DO PUBLICADOR PAULISTANO.

Meu Collega.—Lí as vossas criticas, e depois de muito parafulzar, cheguei a concluir que o meu Collega não comprehendeo o que eu queria dizer com estas palavras—que os principios que regem a intelligencia tem duas faces distinctas, mas não independentes (subjectiva e objectiva): que um principio puro e simplesmente objectivo implica a negação de toda a realidade psycolo-

* Esta refutação da doutrina de M. Damiron, vai apenas enunciada mui ligeiramente, e não desenvolvida; por isso peço ao leitor toda a intelligencia possível; se não a fiz completa, ou ao menos quanto podia, é, como já disse, pela falta de tempo.

gica etc. etc. etc.—e d'aqui resultou, depois de discorrer com a erudição e metaphysica que o caracteriza, a responder-me em alhos quando eu fallava em bugalhos; o que não deixou de cauzar-me grande admiração, porque julgava que um moço que lê Cousin e Kant não podesse deixar de comprehender o que eu queria dizer com semelhantes proposições.

Deixando pois de tocar no longo desenvolvimento que meu Collega deu ás suas criticas, eu vou explicar-lhe o que significão em *Philosophia* as proposições por mim avançadas.

Meu Collega, é um facto reconhecido por todo o homem que medita um pouco, que a intelligencia do homem é regida por certos principios em virtude dos quaes ella se desenvolve: assim por exemplo, em presença de um facto ou phenomeno, o homem não póde deixar de assignar-lhes uma cauza ou uma substancia; o que prova isto meu Collega?—não é que a intelligencia é regida (n'este caso) por estes dous principios? de certo: Mas agora diga-me uma coisa; não ha differença em conceber-se o principio de causalidade (por exemplo) sómente como lei da nossa intelligencia, e conceber-se—o como applicado a um facto qualquer da vida humana? Eu me explico; supponhamos que ao entrar para a Academia meu Collega recebesse uma pedrada; estava nas suas mãos o deixar de attentar para saber d'onde ella vinha? de certo que não; mas por que razão? não será por que o principio de causalidade é uma lei necessaria da intelligencia do homem?

Pois bem; agora pergunto, pela segunda vez, não ha differença entre o primeiro facto de conceber-se o principio de causalidade como lei necessaria da sua intelligencia, e conceber-se o segundo facto material de ter o meu Collega recebido a pedrada, de ter a pedra feito ferida grande ou pequena, de ter ella sido atirada por uma criança, ou por um homem etc. etc. etc? *

* O meu collega se quizer comprehender bem o que eu quero dizer, recorde-se da 3.ª lição da 1.ª série das obras de Mr. Cousin.

Poderá, á vista do exposto, meu Collega deixar de comprehender que quando eu digo que, tem duas faces distinctas mas não independentes, eu me refira aos principios que regem a intelligencia, e não ao mundo interior e exterior como injustamente meu collega supnôz?

Finalmente quanto a esta parte concluo dizendo que me referí sómente aos principios da intelligencia, e nunca ao mundo interior e exterior (o que seria um absurdo) e peço para que leia agora com attenção o meu art. que lá achará tudo quanto aqui digo.

Quanto á segunda duvida do meu Collega, ella não é outra cousa mais que a consequencia de uma errada interpretação.

Quando eu escrevi as minhas observações sobre os apontamentos do Sr. Dr. Tavares, foi na hypothese de que escrevia para quem estivesse em dia com a Philosophia; e por isso nunca tratei de desenvolver as—questões nem explicá-las; porém como o meu Collega não comprehendio eu vou explicá-la em poucas palavras. Quando eu disse, que um principio pura e simplesmente objectivo implica a negação de toda realidade psychologica eu me referia a essa importante questão philosophica que o meu Collega não deve ignorar, da legitimidade dos nossos conhecimentos.

Meu Collega deve saber que existe esta questão em philosophia; deve saber tambem que Kant na sua Critica da razão pura (já que o tem lido) é a questão de que mais elle se occupa, e tanto é assim que Mr. Cousin querendo classificar os systemas que tinham havido sobre o estudo dos conhecimentos humanos, dêo a philosophia de Kant como a primeira que tinha desempenhado perfeitamente a analyse da legitimidade dos nossos conhecimentos. Ora se o meu Collega lê Kant e Cousin, como confessou, havia de vêr que n'esta questão Kant é exclusivista (fallo relativamente á razão pura, que na razão pratica meu Collega deve saber o que aconteceo) por que diz que os nossos conhecimentos não tem valor algum fóra de nós:

Por tanto se assim é; do que o meu Collega poderá se convencer se quizer lêr outra vez Kant, e se ninguem até hoje tem negado o juizo de Cousin sobre Kant á excepção do meu Collega, eu digo-lhe por conclusão que, n'este caso, a descoberta lhe pertence, e não a mim por que sempre tive por bitóla fallar n'aquillo que mais sei.

Sou seu collega e venerador

O. Itaquí.

S. Paulo—18 de Junho de 1859.

MEDITAÇÕES.

O coração do homem é um mysterio. Ora elle o sente pulsar de alegria, ora comprimir-se de tristeza, sem muitas vezes saber a causa disso. Alguma cousa ha, mas não conhecemos, que se revela immediatamente no signal que lhe assoma o semblante, deixando n'elle impresso o sentimento de que está possuido.

Obstinada é pois a resistencia que ordinariamente lhe offerece, porque as idéas, que apparecem após umas ás outras, augmentão de tal sorte o sentimento, que lhe é difficil ou quasi impossivel ás vezes apartar-se d'elle.

Subornida ao seu imperio, é a sua imaginação forçada a acompanhar as phases todas porque elle passa. E essa difficuldade se torna infelizmente tão mais insuperavel quanto é desagradavel o sentimento: uma idéa, uma lembrança triste, é quasi sempre a origem de mil outras que espontaneas lhe sobrem.

Mas felizmente algumas ha entre ellas, que pela sublimidade e grandeza de que são revestidas, achão, não obstante, muito boa acceitação em seu espirito.

Assim é que o homem nas horas de tristeza, que tomão não pequena parte de seus dias de existencia, sente-se como que arrebatado, cheio de si, na contemplação de si mesmo!

Ao acompanhar a mysteriosa cadêa que prende o seu berço ao tumulo, elle sente a sua imaginação transportada a um ou-

tro mundo á vista de tantas maravilhas que em si observa.

Sua imaginação tão fraca para comprehendê-las, não podendo mais divagar, tenta contudo conhecer, porém só admira o que vê! Cheio d'essa grandeza que contempla, elle sente o seu coração tomado d'uma como alegria que não podem exprimir seus labios, desde que lhe sorri na mente a idéa de que sea espirito é uma parte, e o seu corpo a imagem da Divindade!

A tristeza, o pezar que lhe causou á principio a fraqueza do seu espirito, immediatamente se desvanece com o jubilo que lhe trouxe a maravilha d'essa idéa.

Não lhe bastão n'esse momento, para exprimir-o, todos os caracteres da linguagem fallada, porque sentimentos ha tão grandes e sublimes que nem o mesmo coração póde ás vezes comprehender.

Ainda illudido pela mesma fraqueza, elle vê em tudo que o cerca um panorama que lhe mostra successivamente as mais agradaveis vistas.

O mundo todo, aliás de tantas misérias, a curta peregrinação do genero humano, apresenta a seus olhos uma face toda diversa, parece uma habitação de encantos, a mais digna da sua alta gerarchia!

O homem, por isso mesmo que é o rei da criação, lhe parece o mais feliz animal que n'elle habita. Outras idéas tão agradaveis como estas, lhe passam logo pela mente, como de combinação, para completarem a sua imaginaria felicidade. Mas, ah! quando menos elle espera, uma entre ellas apparece, que vem offuscal-as todas, dar a tudo uma só côr, mostrar enfim a illusão em que está — a lembrança da morte! E desgraçadamente não apparece senão depois que tem perpassado pelos olhos da intelligencia em grande numero, os illusorios, porém recreativos quadros do mundo.

Eis então tudo mudado.

A idéa d'essa grandeza, que ha pouco o preocupava quando considerava-se o rei da criação, a imagem de Deos, a ultima expressão de sua eterna sabedoria, qual meteoro fugaz que reluz no

espaço, desaparece de chofre á vista do — nada — que elle encara pensativo, absorto, exangue!

Bem como nuvem tempestuosa que n'um momento percorre a immensidão de limpido céu, a pallidez lhe cobre o rosto, em suas veias circula frio o sangue, e o tremor se apodera de seus membros.

Tão triste é então o seu estado, que algumas vezes ignora o que sente, nem deseja sabel-o.

E pouco a pouco se erguendo, como ferido de raio, do abatimento em que cahira, volve os olhos em de redor de si, mas outra cousa não vê, porque só Deos lhe apparece.

Qual viajôr perdido que de vista não perde o signal que o guia, para Elle sómente seus olhos volve....

Humilhado á vista do seu nada, com um coração que derrama doçura para receber amargoso fél, só vê em Deos sua salvação, toda a sua esperança—a realidade que procura.

O mundo que tanto fascinou, illudio e se prevaleceo do seu engano, é para elle agora uma chiméra, uma palavra que não tem sentido.

Sua grandeza, seus enlevos que em sua cegueira chamava — felicidades da vida—não são mais á seus olhos do que um instrumento de que o Creator se serve para castigar os crimes humanos.

O immenso painel do mundo lhe apparece então com as verdadeiras côres que o matisão, porque sobre elle reflecte, ainda que baça, a luz da realidade! Feliz não é mais o rei orgulhoso, o poderoso da terra, que vê á seus pés multidão de homens, victimas innocentes do orgulho do tyranno, porque este lhe parece (como é de facto) o executor da celestial vingança.

De sobre essa altura, a que deve todo o mortal se erguer, elle vê compadecido os seus irmãos, cujos olhos ainda cerra a venda de illusões que elle arrancára.

Triste é pois o espectaculo que lhe apresenta a humanidade que tão céga-mente se deixa arrastar pelas cousas transitorias d'este mundo! Ao acompanhar

a sua vida, elle vê nas sanguinolentas guerras, gigantescos trabalhos, idealismo dos seculos, em todo esse movimento enfim, não a felicidade que ella *em vão* procura, mas pelo contrario o cumprimento da eterna sentença que ouviu o seu primeiro páe na celestial morada.

Sua imaginação, porém, que não póde perder tão bellos momentos de calma, não se limita sómente a esses grandes objectos, porque não satisfaz-se com uma analyse tão synthetica.

Atravéz d'essa luz amortecida, mas não illusoria que o mundo reflecte, não lhe escapão ainda os mais pequenos, por que elle tudo indaga, tudo quer analysar, comparar e conhecer.

A bitóla com que então mede o nobre, mede o plebêo, o pobre, o rico, o poderoso, o fraco.

Não tem para elle mais valor, o que habita doirados palacios, servido de exquisitos manjares, que só revelão vaidade e gula, do que o camponez que debaixo da sua cabana estende, sobre tosco madeiro, as agrestes raizes que colhêra para o seu quotidiano alimento.

O pobre, que mendiga o pão, o miserico africano que geme debaixo do cativo, a viuva desamparada, a innocencia opprimida, de que não se comovia, acostumado a vêr taes scenas, lhe prendem agora a sua attenção, mais que todas as grandezas do mundo.

A' vista d'essa scena, onde a maldade gosa, e a innocencia soffre, não só dos homens, porém dos céos, sua razão vacilla.... mas prosegue.

Com auxilio da philosophia (porque philosophia tem todo aquelle que pensa) investiga suas cauzas, pede a Deos a razão de tudo que vê, porém debalde, porque couzas ha que não estão ao alcance do homem, por mais esclarecida que tenha a sua razão! Convencido da não possibilidade de transpôr as barreiras que a sua fraca razão encontra, precipita-se n'um labyrintho, tal que o desespero, a descrença a—morte viria de repente fulminal-o se não encontrasse na fé de Deus, na religião christã, o fio de Ariadne que conduz seus passos vacillantes.

Mas, desgraçado! Poucos momentos bastão para elle ficar mais cego do que nunca.

O mais insignificante objecto, a mais ridicula futilidade da vida, que lisongear os seus sentidos lhe faz esquecer de repente o que lhe custou tanto a comprehender—o resultado final de suas indagações, o que jámais devia esquecer, isto é—que Deos é tudo e o homem nada.

S. Paulo, 7 de Setembro de 1859,
M. de Sousa Bueno.

A VENDIDA.

Perdue à tout jamais!
BYRON.

Pobresinha! nem pensa na miseria
Que sempre lhe acompanha nessa vida,
Cujos brilho phantastico a seduz
A correr para elle enfebrecida.

Na vil prostituição embriagada
Da virgindade a c'róa despresou;
N'um leito mercenario a debater-se
Desgrenhada uma noite despertou.

Aos prazeres ruidosos abraçada,
Em vigílias suas noites vai gastando,
Aos poucos a frescura de seu rosto
Na pallidez do vicio vai murchando.

Então quando só, abandonada,
Desnuada de joias emprestadas,
Que as nódoas da vida disfarçava,
Suas faces sentir bem disbotadas!

Ninguém no mundo já se lembrará
Das promessas de amor que lhe votavão,
Esquecerão as noites de ventura
Que tão apaixonadas disputavão.

Ninguém!... Só a morte lhe dará
Uma triste morada por abrigo,
Só ella não esquece os infelizes
Lançados pela sorte ao desabrigo.

S. Paulo, 29 de Agosto.

J. A. de Barros Junior.